

# *Clio/Arqueologia* 1

*revista da unidade de arqueologia do centro  
de história da universidade de lisboa 1983-84*



**UNIARCH**

*INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA*

# Um corte através da fortificação interior do castro calcolítico de Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959) \*

H. N. SAVORY

Em Setembro de 1959, o falecido Tenente-Coronel Afonso do Paço convidou Miss Brenda Capstick (hoje Secretária da Museums Association, Londres) e o autor para com ele colaborar nas escavações a que iria proceder, mediante uma bolsa concedida pela Fundação Gulbenkian, em Vila Nova de S. Pedro, as quais viriam a ser praticamente as últimas da longa série de campanhas anuais levadas a cabo neste famoso Castro Calcolítico. Durante estas escavações [1959], Miss Capstick e eu próprio fomos generosamente autorizados a efectuar um corte através da mais interior das três linhas de fortificação do estabelecimento, de molde a poder estabelecer com maior clareza a história das respectivas estruturas e a sua relação com os níveis de ocupação depositados antes, durante e após a sua construção e uso.

Conduzimos pessoalmente a escavação deste corte, camada por camada, e o autor registou no seu caderno de campo, tão completamente quanto possível, os objectos que via à medida em que apareciam no corte bem como a respectiva posição estratigráfica, sempre que clara, antes de as terras serem removidas para exame no crivo.

Pouco após o regresso a Inglaterra, o autor preparou um relatório baseado nestas notas e enviou-o junto com a respectiva planta e cortes a Afonso do Paço para, a pedido deste, serem incluídos no relatório geral da campanha, quando este fosse publicado. Infelizmente isto nunca veio a acontecer nem, tanto quanto sei, foram publicados quaisquer relatórios detalhados das últimas campanhas em Vila Nova, nas quais não participei. Tal deve-se, sem dúvida, pelo menos

\* O original deste artigo foi publicado, em inglês, com o título «A Section through the innermost rampart at the Chalcolithic Castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959)», em *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Vol I, pp. 133-162, Lisboa, 1970. A presente tradução, autorizada pelo autor, é da responsabilidade do Dr. João Carlos de Senna-Martinez.

em parte, à doença que infelizmente atingiu o Tenente-Coronel Afonso do Paço pouco antes da sua morte prematura.

Hoje tememos que não seja mais possível uma publicação completa dos resultados da campanha de 1959 em Vila Nova, não só por causa do infortúnio de Afonso do Paço mas também pelo do próprio autor. O nosso caderno de campo, no qual se baseava o relatório enviado a Afonso do Paço no início de 1960, encontrava-se desgraçadamente numa pasta que nos foi roubada em Londres no final de 1960, nunca tendo sido recuperada. Consequentemente, é hoje impossível relacionar muitos dos objectos individuais agora conservados no Museu do Carmo com a estratigrafia mais refinada e esboçada nos cortes publicados neste relatório. No entanto parece-me valer a pena publicar estes cortes e analisar os respectivos materiais tanto quanto possível, não só como a melhor homenagem que posso prestar ao investigador incansável que me cumulou de gentilezas nos meus tempos de estudante, em 1936/37, mas também pela orientação que eventualmente possam constituir para os estudiosos que no futuro possam ter que trabalhar as ricas colecções de Vila Nova conservadas no Museu do Carmo. É verdade, de facto, que alguns detalhes destes cortes são locais e podem não ser aplicáveis à totalidade da estação. Em particular, não é obrigatório que as camadas inferiores, e as primeiras fases de ocupação que representam, tenham a mesma relação cronológica com as duas linhas de fortificação exteriores que têm com a interior. Mas, os cortes de 1959 têm uma importância especial na medida em que demonstraram que a fase consagrada na literatura da especialidade como «Vila Nova I» consistia de facto em duas culturas sucessivas e distintas que podem ser reconhecidas em várias outras estações portuguesas. As conclusões gerais do autor sobre este assunto, baseadas em larga medida no corte efectuado em Vila Nova, já foram esboçadas na sua obra *Spain and Portugal* (edição portuguesa de Editorial Verbo, Lisboa, pp. 136-140 e 160-163) mas parece-nos ainda útil desenvolver um relatório do corte de 1959 dado que existem fotografias ainda não publicadas e importa descrever, tanto quanto possível, os achados característicos de cada camada.

Como é bem conhecido, o povoado calcolítico de Vila Nova de S. Pedro foi descoberto por Hipólito Cabaço em 1936 e estudado através de uma série de escavações anuais a partir de 1937, por Afonso do Paço, inicialmente ajudado pelo falecido Eugenio Jalhay, até 1961<sup>1</sup>. No decurso destas escavações foi exposta uma

fortificação interior, pequena mas largamente reforçada, tendo a escavação atingido o subsolo tanto no interior como no exterior das muralhas maciças, revelando vários bastiões semicirculares sólidos (Est. I). Parte de duas linhas exteriores de muralhas foi exposta no lado noroeste da estação. Tanto quanto sei, nunca foi publicada qualquer planta adequada destas muralhas exteriores, não obstante ter sido publicada recentemente uma fotografia aérea<sup>2</sup>. A mais interior destas duas linhas de fortificações, pelo menos, tem bastiões (Est. II) e o Prof. E. Sangmeister da Universidade de Freiburg im Breisgau, colaborou com Afonso do Paço, em Setembro de 1955, na preparação de uma planta e perfis da fortificação interior que mostram claramente os respectivos bastiões<sup>3</sup>. No entanto, não nos parece que nesta ocasião o corte tenha sido completado através do corpo da muralha interior até ao subsolo dado que por muito tempo foi um princípio mantido por Afonso do Paço que a construção das estruturas mais importantes descobertas em Vila Nova não deveria ser alterada. O corte integral finalmente feito em 1959 respeita este princípio tanto quanto possível na medida em que a parte que atravessou o núcleo da muralha foi estreitada o mais possível e cuidadosamente cheia imediatamente a seguir. Foi, no entanto, o suficiente para estabelecer um nível de ocupação pré-fortificações neste local.

### O corte

O corte por nós efectuado ('B') foi traçado aproximadamente de SW para NE, através da muralha interior, a ocidente da porta e a pouca distância do bastião 9 (fig. 4). Neste local existia ainda uma pequena «ilha» de depósitos não escavados, prolongando-se por cerca de quatro metros para sudoeste a partir da face exterior da muralha (Est. 8). A profundidade dos depósitos era grande, superior a três metros. Tal pareceu-nos fornecer a oportunidade para estabelecer uma seqüência estratigráfica mais refinada das várias camadas reconhecidas antes de 1959.

A primeira etapa foi limpar o perfil oeste da «ilha» e desenhá-lo (Est. 3 e fig. 2). Estabeleceu-se então uma linha de base paralela a este perfil e a cerca de dois metros para SE, iniciando-se a escavação de um corte pelo seu extremo NE junto à face interior da muralha. Quando, contudo, continuámos o corte no seu extremo SW, tornou-se aparente que imediatamente por trás da face NW da «ilha» surgia um bastião até então desconhecido (8a). A limpeza da sua face exterior curva revelou outra fundação de muro

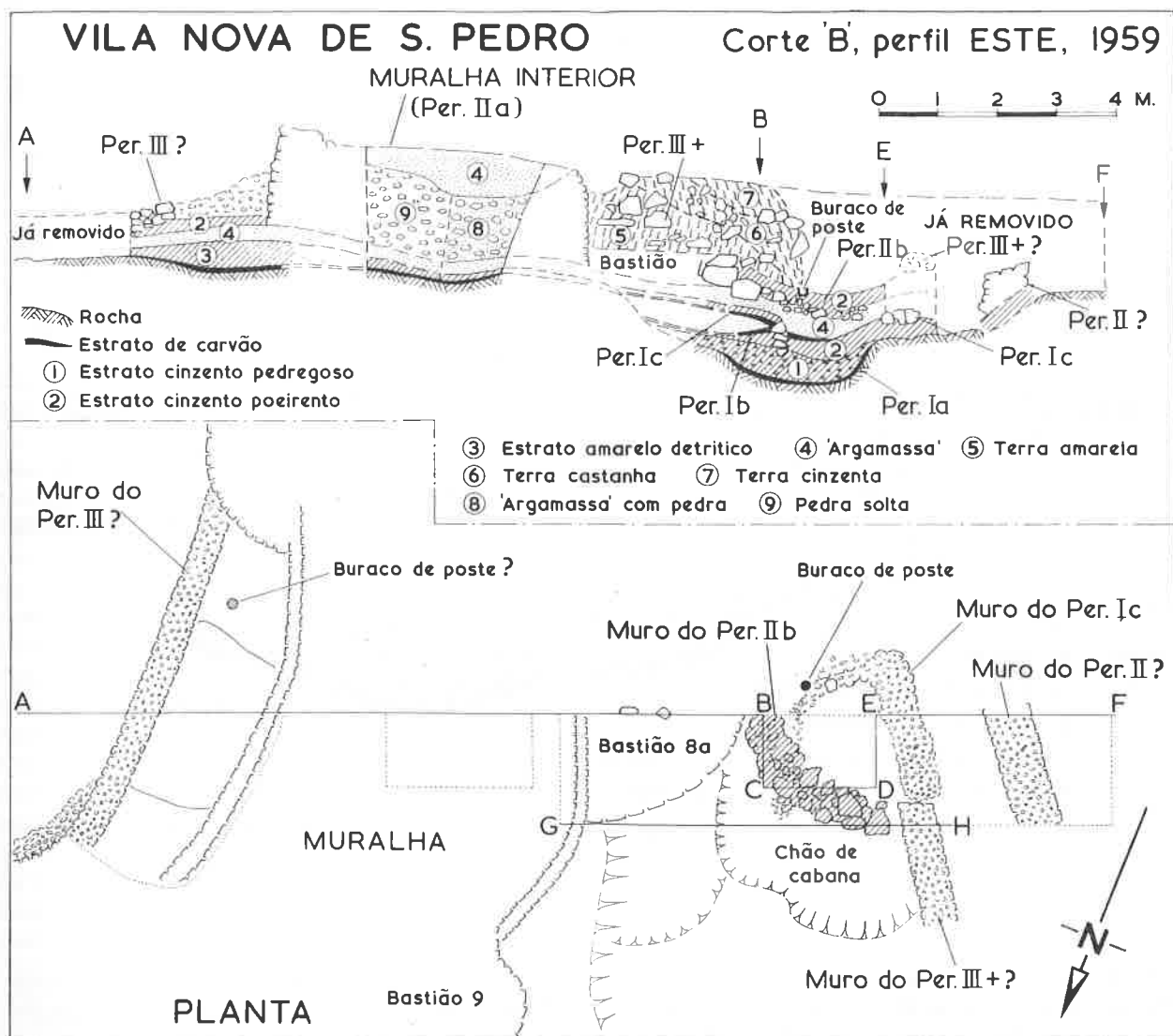


Fig. 1 — Planta e perfil Este do corte efectuado em 1959 na muralha interior de Vila Nova de S. Pedro.

(C-D na planta da fig. 1, Est. 4) contígua ao bastião a oeste. Como se tornava necessário preservar estas fundações e o lado SW da «ilha» tinha sido bastante remexido em anos anteriores tornou-se impossível limpar um corte contínuo ao longo da totalidade da linha de base e o nosso perfil A-F teve que ser desenhado com um saliente a NW entre BC e DE, tal como aparece na planta (fig. 1). Foi no entanto possível aumentar a informação obtida deste modo pelo corte de um perfil vertical em ângulo recto através do extremo SW da «ilha» até ao limite SW das fundações do bastião 8a (Est. 6) e foi graças a isto que podemos ver que as pedras empilhadas que apareciam na face NW do corte representavam um terceiro muro ligando com outro de sentido NW/SE que tinha sido exposto nas escavações de uma campanha anterior. Estes mu-

ros pertenciam provavelmente a uma pequena cabana, mais antiga que a muralha e o bastião.

De modo similar, na extremidade NE do corte, no interior da fortificação, o nosso perfil permitiu clarificar a relação entre a muralha e os restos das fundações de um muro situado a NE desta e o qual tal como o situado a Sul da muralha, parece ser parte de um sistema atribuído por Sangmeister a um reforço desta<sup>4</sup>. Prosseguindo o corte através deste muro podemos verificar que o mesmo assentava em três níveis dos quais o superior era um nível de ocupação encostado às fundações do lado interior da muralha, o intermédio uma camada artificial de barro amassado com calcário moído — *argamassa* — que se prolongava para baixo da muralha, sendo o inferior um nível de ocupação, confirmando-se assim observações feitas em campanhas ante-

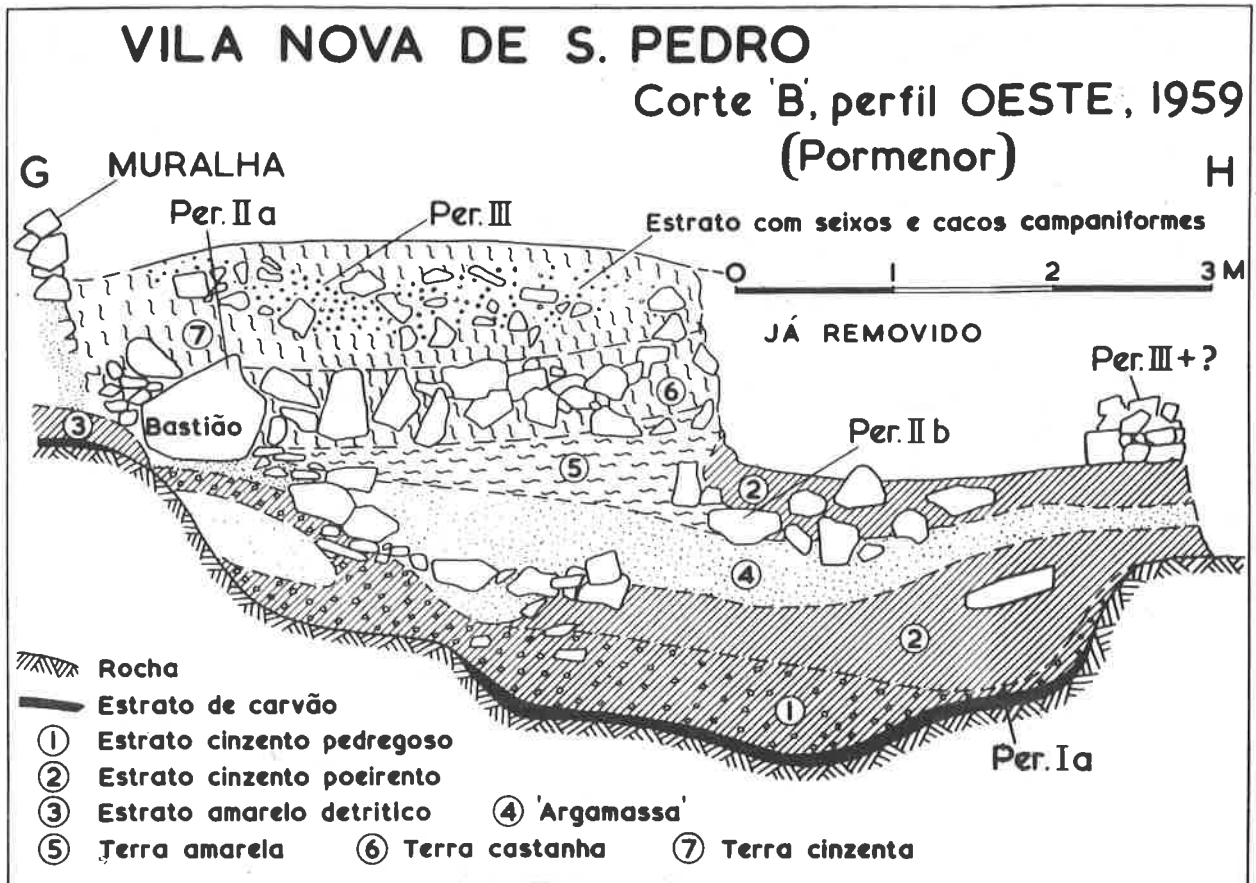


Fig. 2 — Pormenor do perfil Oeste do corte da figura anterior.

riores (Est. 5). O nosso corte através do corpo da muralha, feito cuidadosamente de modo a evitar o colapso das superfícies interior e exterior, mostrou que o nível de *argamassa* continuava através de todo o comprimento do perfil até ao lado SW da «ilha», selando efectivamente o conteúdo dos níveis de ocupação subjacentes. Cedo se tornou claro, no entanto, que estes níveis inferiores diferiam num e noutro extremo do perfil. A NE da muralha o nível de ocupação inferior tinha uma cor amarela escura com carvões que aumentavam para a parte inferior, enquanto que a SW da muralha a espessura dos depósitos era superior, devido à presença de uma fossa escavada na rocha, provavelmente para uma habitação, a qual fora cheia por uma terra cinzenta pulverulenta com abundantes restos ósseos animais e olaria fragmentada. Um exame mais cuidadoso revelou que este depósito obedecera a vários estadios de deposição (Est. 6).

No fundo da fossa existia uma forte concentração de carvões, formando um nível pouco espesso, sobre ele apoiava-se um nível mais profundo de terra cinzenta misturada com pedras pequenas, o qual aumentava de espessura

para sul ultrapassando o bordo sul da fossa. Além desta, no limite sul do perfil, as fundações de um muro estreito apoiavam-se no nível cinzento. Era este muro que, fazendo um ângulo recto a SE da linha de base, fazia depois uma curva aparecendo em secção sobre o enchimento da fossa no seu lado NE (Est. 7). Ao longo da sua extensão estas fundações de muro tinham a sobrepô-las um nível de carvões que, no interior, se apoiava no nível cinzento de ocupação e, no exterior, sobre um nível de *argamassa*. Sobre o carvão, no exterior da muralha, situava-se outro nível de terra cinzenta pulverulenta. Por outro lado, o perfil principal entre BC e DE revelou algumas pedras empilhadas sob a fundação do muro, embebidas no nível cinzento pulverulento, com uma faixa inferior de carvões estendendo-se para norte sobre o nível de *argamassa* já referido. Em perfil todos estes depósitos foram interpretados como o resultado de três fases locais de actividade:

*Período Ia* — durante o qual a habitação em fossa foi ocupada;

*Período Ib* — durante o qual a estrutura conectada com as pedras empilhadas a meio do enchimento da fossa foi ocupada e o carvão a norte das pedras empilhadas se depositou;

*Período Ic* — quando uma pequena cabana de planta em D foi construída a um nível superior, com um nível de *argamassa* no exterior, sobre o qual se acumularam depósitos de ocupação da cabana.

Utilizámos a expressão «fases locais de actividade», porque a comparação dos materiais arqueológicos dos vários níveis sob a *argamassa* sugere que poucas mudanças culturais se verificaram enquanto estes se acumularam. Fragmentos de «copos» de boa qualidade (fig. 3, 5-6), com engobe cor de chocolate escuro e a decoração canelada pouco profunda eram sobretudo abundantes no nível inferior com carvões, mas ocorriam ocasionalmente nos níveis superiores do Período I. Por outro lado, fragmentos mais grosseiros de potes, taças e pratos lisos, normalmente com bordos espessados e mais ou menos achatados e exvertidos, eram abundantes em todos os níveis. Todos os níveis do Período I forneceram fragmentos de placas de barro sub-rectangulares com os cantos perfurados e dos objectos de barro descritos como «pés de fogareiros»<sup>5</sup> os quais têm bases planas ou levemente côncavas, o topo curvo e bifurcado e perfurações horizontais (fig. 3, 1-3) e ainda dormentes e moventes de mós manuais. Em todos estes níveis o trabalho de sílex parece confinar-se a lascas rudes sem que tenha aparecido qualquer das pontas de seta de bom fabrico tão comuns nas camadas superiores da estação e eu, pessoalmente, não vi quaisquer objectos de cobre ou fragmentos de cadinhos dos tipos encontrados na camada imediatamente superior ao principal nível de *argamassa* aparecerem em qualquer dos níveis do Período I.

O nível principal de *argamassa* foi um depósito artificial de barro misturado com calcário esmagado, colocado para providenciar uma fundação firme e nivelada para a muralha e seus bastiões. No entanto, este nível contém alguns cacos dos tipos encontrados nos níveis inferiores e, pelo menos, um machado de pedra polida de secção sub-rectangular. Mas os dados mais importantes para a determinação da data e circunstâncias da sua formação apareceram no nível de ocupação cinzento e pulverulento que se sobrepunha à *argamassa* e se apoiava à face interior da muralha e exterior do bastião 8a. Aqui, não obstante uma certa continuidade cultural com o Período I, já não apareceram *copos*

*canelados*, mas a olaria comum permanecia idêntica embora talvez algo mais rude. Igualmente permaneciam os «pés de fogareiro» e as placas de barro rectangulares, estas últimas agora frequentemente decoradas com desenhos elaborados, incluindo os círculos raiados, do tipo familiar nas anteriores campanhas na estação. Um círculo raiado apareceu num fragmento de taça no nível situado na extremidade norte do perfil. Pontas de seta de sílex com bases côncavas e de talhe de grande qualidade eram abundantes e pareciam fazer parte da mesma ciência militar dos bastiões de que eram contemporâneas, dado que estes constituíam, com toda a probabilidade, posições para arqueiros que, deste modo, podiam atacar os inimigos que procurassem atingir a fortificação. Mas, acima de tudo, a evidência da existência de metalurgia era abundante, não só na forma de pequenos utensílios de cobre, incluindo furadores, mas também de vários fragmentos de cadinhos rectangulares com pequenos pés em cada canto.

O complexo total revelado nos níveis do Período II em Vila Nova é, de facto, o mesmo associado com os sepúlcros de corredor de tipo *Tholos* em Los Millares, na província de Huelva, no Algarve, no Alentejo e em torno do estuário do Tejo. O que é mais importante, nem um único fragmento de olaria campaniforme foi encontrado entre a olaria abundante dos níveis do Período II, no interior ou no exterior da fortificação. Eis aqui a importância de distinguir três e não dois períodos em Vila Nova porque, apesar da camada principal de *argamassa* imediatamente subjacente ao bastião marcar uma divisória cultural é também claro que a Cultura Campaniforme não desempenhou qualquer papel no desenvolvimento da fortificação interior mas só chegou à estação quando estava já em ruínas.

Até mesmo o Período II, no entanto, é passível de subdivisão local dado que no extremo norte do corte B, lembremo-lo, existiam as fundações de um muro curvo que partia da face sul do bastião 8a, constituindo, presumivelmente, parte de uma grande cabana circular. Com ela relacionada estava um nível superior de terra cinzenta pulverulenta assente directamente no nível de *argamassa* e que não aparecia, não só no perfil principal sudeste, entre BC e DE, no interior da presumível cabana circular, mas também no perfil noroeste, G-H, fora do círculo. Chamámos a este nível Período IIb, não obstante os achados a ele pertencentes não sugerirem qualquer mudança cultural. A olaria continua a tradição dos níveis inferiores, sem qualquer caco Campaniforme e com pontas de seta de base côncava.

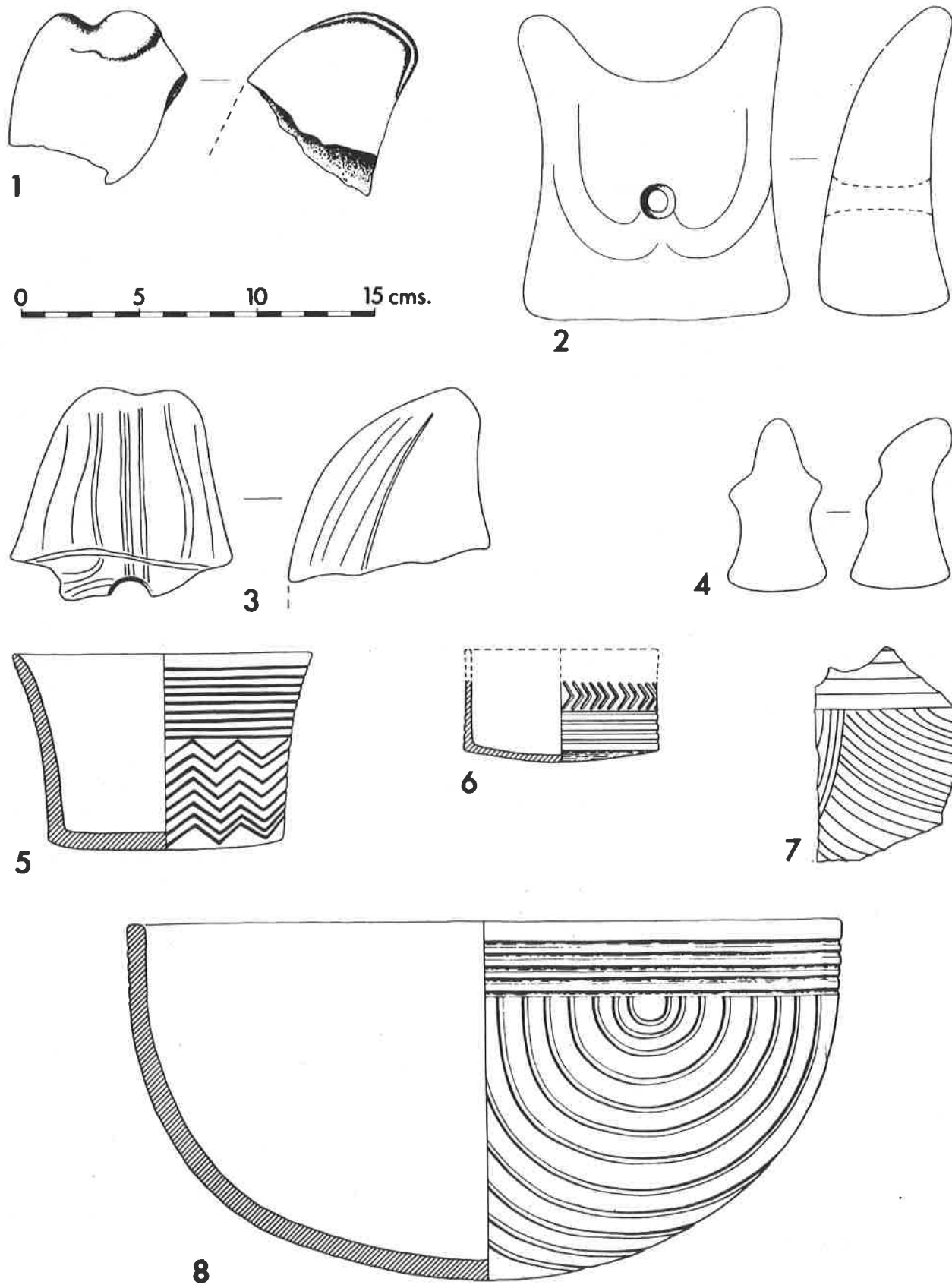


Fig. 3 — Materiais do Período I, provenientes do corte ilustrado nas figuras anteriores (1-3 e 5-8) e «ídolo de barro» de Büyük Güllücek, Turquia, segundo KOSAY (4).

No topo do nível cinzento atrás referido assentavam as fundações de dois muros estreitos paralelos à muralha em cada topo do corte e correspondendo àqueles identificados por Sangmeister como o resultado de uma reparação das fortificações<sup>6</sup>. À luz dos perfis obtidos em 1959 esta interpretação parece dificilmente sustentável. Os muros são demasiado estreitos e podem mais facilmente corresponder a tentativas de conter as ruínas das defesas destruídas após limpeza de áreas para estabelecimento no interior e no exterior durante o Período III ou posteriormente. Tais ruínas aparecem claramente no perfil de 1959 na zona sobre as fundações do bastião 8a, sob a forma de blocos de pedra de grandes ou médias dimensões, semelhantes aos utilizados na muralha e provavelmente representando o respectivo colapso ou destruição deliberada, tal como os níveis de terra amarela, castanha ou cinzenta nos quais as pedras se integram representam a desagregação da *argamassa* utilizada para o corpo da muralha. Alguns cacos de olaria campaniforme e Folha de Acácia (Chibanes) ocorriam no nível amarelo inferior (fig. 1, n.º 5). O perfil do lado noroeste do corte (G-H) mostra, contudo, uma sequência diferente. Aqui, o nível cinzento superior tinha no seu interior e a meia-altura um estrato fino de calhaus rolados e pedras maiores misturadas com a terra, donde provêm um ou dois cacos campaniformes e um da tradição dos períodos I-II. O Período III pode ser assim definido como o do estabelecimento campaniforme no local, após o colapso da sua fortificação central.

## Discussão

O corte que descrevi ilustra o valor e mesmo a necessidade, em pesquisa arqueológica, de escavar verdadeiros cortes através de um sistema defensivo, mesmo quando tal signifique um certo grau de destruição local de estruturas. Se a estratigrafia revelada pelo nosso corte podia, de facto, ser inferida até uma certa medida, a partir do estudo das indicações fragmentárias das campanhas anteriores, estas não tinham sido inteiramente compreendidas e a distinção cultural entre os níveis pré-fortificação, contemporâneos da fortificação e post-fortificação não se tinha tornado clara. Como resultado, tal distinção não se tinha reflectido na classificação dos materiais encontrados, após a sua limpeza e armazenagem no Museu do Carmo ou outro local.

Deste modo, já em 1942 se tinha tornado óbvio que a muralha interior em Vila Nova assentava num nível de *argamassa*<sup>7</sup>. Em 1943 tornou-se conhecida a existência de uma camada de

ocupação, em certos locais, sob esta muralha<sup>8</sup>, apesar de não ter sido devidamente considerado o seu carácter cultural distinto. Desde 1951 que se tinha reconhecido, como resultado da estratificação então revelada na área interior da fortificação principal, que havia dois períodos em Vila Nova: o Período I, sem vasos campaniformes mas com *copos canelados* e o Período II, com campaniforme<sup>9</sup>. Mas, devido à falta de um perfil completo e verdadeiro através da muralha, não tinha sido entendido que o Período I necessitava de nova subdivisão. Daí resultou a conclusão do Professor Sangmeister que as populações do campaniforme estariam presentes em Vila Nova durante a existência da muralha<sup>10</sup>. Mesmo esta posição, contudo, foi corrigida por Afonso do Paço em 1956 quando ele fez notar que fragmentos de olaria campaniforme provinham de um nível representando a decadência da muralha interior em Vila Nova<sup>11</sup>, e, já antes, em 1954, algumas indicações de destruição da muralha antes da fase campaniforme tinham sido notadas<sup>12</sup>.

É verdade, claro, que seria perigoso traçar largas conclusões sobre a história da totalidade da estação de Vila Nova de S. Pedro a partir da sequência estrutural revelada num só corte, dado que alguns dos seus aspectos são nitidamente locais. Uma vez que as linhas exteriores de defesa só foram exploradas numa extensão limitada e não foram alvo de cortes correctamente executados, não podemos julgar da sua relação cronológica com a muralha interior ou, de facto, excluir a possibilidade de que uma ou outra delas possa ter sido mais antiga e contemporânea do estabelecimento, cujos vestígios jazem sob a camada de *argamassa* sobre a qual foi construída a muralha interior. Igualmente, não é possível ainda estabelecer comparações seguras com o Castro do Zambujal, Torres Vedras, onde as escavações levadas a cabo nos últimos anos, com métodos modernos, pelo Professor E. Sangmeister, Dr. H. Schubart e pela sucursal em Madrid do Instituto Arqueológico Alemão<sup>13</sup>, revelaram várias fases de desenvolvimento de uma fortificação central que, até 1967, se pensou ser antecedida por outra exterior, não obstante a campanha de 1968 ter conduzido a uma revisão deste aspecto<sup>14</sup>.

Em 1967, porém, os escavadores do Castro de Zambujal inclinavam-se para pensar que as suas fases I-V da fortificação interior eram paralelas com a fase I de Afonso do Paço em Vila Nova e as suas fases VI-VIII à fase II daquele autor, embora pudessem prolongar-se algo mais porque, segundo eles, a olaria campaniforme continuava presente na estação durante a última



fase de construção da fortificação interior (VII), bem como na subsequente fase VIII. De facto, a fase IV da fortificação interior do Zambujal é aquela em que a forma e espaçamento dos bastiões corresponde mais de perto aos encontrados em Vila Nova. Igualmente transparece do relatório de 1965 que, no Zambujal, a olaria fina canelada do chamado «grupo de importação» (os nossos «copos») provém fundamentalmente dos níveis inferiores, tal como em Vila Nova<sup>15</sup>.

O estabelecimento completo e definitivo da evolução da arquitectura militar calcolítica em torno do estuário do Tejo e da sua cronologia relativa é, contudo, algo que terá que esperar pacientemente pelos frutos de escavações modernas em várias estações tal como as dos próximos anos no Zambujal.

Entretanto o principal valor do corte efectuado em 1959 em Vila Nova reside na demonstração estratigráfica da existência nesta estação de dois grupos culturais distintos e sucessivos que podem igualmente ser reconhecidos noutras estações em torno do estuário do Tejo. O aspecto mais característico dos níveis de ocupação subjacentes à muralha interior e selados em relação a qualquer contaminação por um nível largo e espesso de *argamassa*, são os fragmentos de olaria fina dos «copos» — recipientes de carena muito baixa ou bases praticamente planas e lados côncavos, verticais ou exvertidos, decorados com caneluras pouco profundas com superfícies vermelhas ou castanho-amareladas recobertas por um engobe escuro cor-de-chocolate (fig. 3, 5 e 6) — e outros tipos de recipientes com pasta e decoração semelhantes.

Os «copos» constituem um dos grupos cerâmicos que a Dr.<sup>a</sup> Blance atribuiu aos colonos do Mediterrâneo Oriental que se estabeleceram em vários pontos das costas do sul da Península Ibérica, durante a segunda metade do terceiro milénio a. C., e se defenderam dos nativos em fortificações do tipo das de Los Millares e Vila Nova de S. Pedro<sup>16</sup>. Nesta posição, claro, ela seguia a sugestão do Professor Sangmeister<sup>17</sup> da existência de semelhanças entre os «copos» e certos grupos cerâmicos encontrados na área do Egeu durante o terceiro milénio a. C. A pasta e acabamentos de superfícies desta olaria lembram as olarias «Urfirnis» encontradas no Egeu entre o fim do Neolítico e o começo das fases Minóica ou Heládica<sup>18</sup>. O canelado em espinha tão popular nos «copos» é um motivo favorito da olaria do Cicládico e Minóico Primitivos e os semicírculos concêntricos, presentes nos fragmentos de recipientes maiores da mesma olaria que os «copos» existentes nos materiais de Vila Nova conservados no Museu do Carmo, são ca-

racterísticos de alguns grupos do Minóico Primitivo<sup>19</sup>. Em particular, como apontou o Professor Sangmeister, a forma e a decoração dos «copos» lembram as das «pyxides» cicládicas do grupo de elos (Cicládico Primitivo I), das quais E. M. Bossert e S. Ehrhardt publicaram recentemente alguns exemplos excelentes (fig. 5)<sup>20</sup>.

Infelizmente, a Dr.<sup>a</sup> Blance descreveu os «copos» como tendo «ornatos brunidos», promovendo deste modo a confusão com um grupo completamente diferente de olaria que é bem conhecido em Portugal a partir das descobertas do Dr. Cunha Serrão na Lapa do Fumo<sup>21</sup> bem como em estações na Andaluzia, em Mesas de Asta e Carambolo, a qual foi já demonstrado pertencer, conforme estratificação segura detectada em Huelva, ao final da Idade do Bronze ou ao início da Idade do Ferro, tal como suspeitava o Dr. Cunha Serrão<sup>22</sup>. Mais ainda, apesar de ela realizar que os «copos» se confinam à zona do Baixo Tejo no que respeita à Península Ibérica e não pertencem de modo algum à Cultura Milarense<sup>23</sup>, trata-os como parte de um complexo «colonizador» ao qual pertenceriam os fortins com bastiões, como Los Millares, Vila Nova e Zambujal. Mas, como vimos, de facto os fragmentos de «copos», no corte de 1959, concentravam-se no mais baixo dos níveis pré-fortificação e não ocorrem no nível que formava a base interior e exterior da muralha interna em Vila Nova antes da sua destruição (o nosso Período II) o qual contém a olaria característica, as pontas de seta em sílex e a metalurgia da Cultura Milarense, a qual se nos apresenta agora como genuinamente intrusiva nas terras em redor do estuário do Tejo.

Já disse antes que não seria justificável afirmar, a partir da evidência de 1959, que as populações dos «copos» não construíram fortificações e que estas foram edificadas pela primeira vez pelos colonizadores milarenses para se defenderem contra os nativos. Os resultados do Zambujal sugerem de facto que deve ter existido uma lenta evolução da arquitectura militar na região em torno do estuário do Tejo desde o início da cultura calcolítica local, sem dúvida como um resultado da contínua influência do Mediterrâneo Oriental. Mas mantenho certamente, tal como o fiz em *Espanha e Portugal*<sup>24</sup>, que a camada principal de *argamassa* subjacente à muralha interior de Vila Nova marca uma importante mudança cultural. A ligação da fase anterior, aí detectada, com o Egeu e Anatólia é indiciada não só pelos «copos» mas também pelos «pés de fogareiro» que são tão abundantes no local. Apesar de terem, sem dúvida, basicamente uma função prática, talvez como suportes de espetos

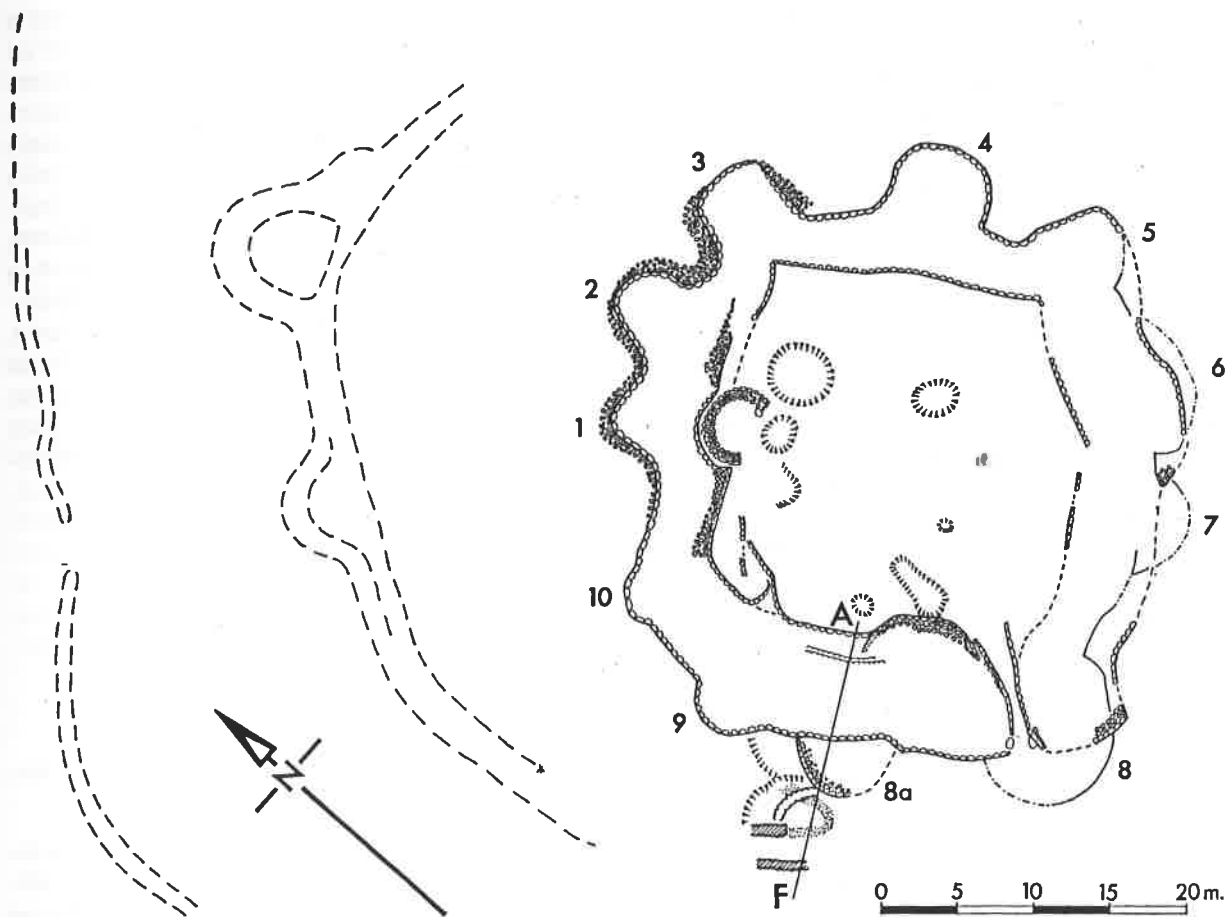


Fig. 4 — Plano da fortificação central de VNSP com a localização do corte efectuado em 1959.

ou potes nas lareiras, tal como na Mersin calcolítica<sup>25</sup>, possuem um certo conteúdo antropomórfico (fig. 3, 2) que permite comparação com os «ídolos» encontrados na Creta neolítica<sup>26</sup>, na cultura de Starčevo nos Balcans<sup>27</sup> e no Calcolítico da Anatólia Central<sup>28</sup>, bem como os objectos domésticos encontrados nas estações egeias a que se refere a Dr.<sup>a</sup> Blance<sup>29</sup>.

Por outro lado, a olaria característica dos níveis contemporâneos da muralha interior de Vila Nova, que contém o símbolo solar que aparece também nas placas rectangulares com os cantos perfurados, tem uma pasta diferente da dos «copos» e, de facto, muito mais rude, a julgar pelas descrições da Dr.<sup>a</sup> Vera Leisner<sup>30</sup>. Esta é, de facto, «symbolkeramik» milarense apropriadamente associada com as numerosas pontas de seta de base côncava mitriformes e em «torre Eiffel», fragmentos de cadinhos e objectos de cobre encontrados nos mesmos níveis. Mas, é significativo que no nível post-muralha (o nosso Período III) a pasta de melhor qualidade dos fragmentos de olaria de «Chibanes» e campani-

forme represente o reassumir das tradições do Período I: o memo desengordurante micáceo e a preferência por engobes escuros sobre superfícies avermelhadas. Enquanto a olaria campaniforme, pelo menos na sua chegada ao Baixo Tejo, deve representar um elemento exótico derivado de outro local na Península, a sua manufactura local parece ter envolvido a absorção de uma duradoura técnica local, o que não pode ser reconciliado com a teoria de um refluxo proveniente da Europa Central<sup>31</sup>. Por outro lado, a estratigrafia obtida recentemente no Castro da Rotura, próximo de Setúbal, por C. Tavares da Silva parece sugerir que a olaria de «Chibanes» evoluiu na área do Baixo Tejo a partir de taças locais com decoração impressa em espinha, numa data algo anterior aos campaniformes, conquanto em Vila Nova seja, definitivamente post-milarense.

O carácter cultural do Período III em Vila Nova, sugerindo um reafirmar dos grupos locais após a destruição de um forte construído por invasores milarense provenientes do Baixo

Alentejo ou de mais longe, confirma deste modo o exotismo dos achados do Período II. No entanto, o contraste que os achados característicos do Período I de Vila Nova apresentam em relação com os do que eu chamei a «Cultura do Tejo», em oposição com a «Cultura Almeriense» da primeira fase calcolítica ibérica<sup>32</sup>, lembra-nos que os «copos» em si próprios não são um fenómeno primário nesta cultura distintamente portuguesa do Tejo, a qual eu mantenho ser tão independentemente criativa e tão importante para a totalidade da Península quanto as de Almeria e do Baixo Guadalquivir. Isto é demonstrado pela ausência de «copos» numa série de depósitos importantes que representam exclusivamente esta fase, tal como os da câmara ocidental na Praia das Maças e do Dólmen de Casainhos e pela predominância nestes locais das pontas de seta romboidais e de base bicôncava que são extremamente raras em Vila Nova de S. Pedro. Os «copos» podem representar um horizonte cronológico comparativamente estreito e um elemento novo na população, mas, embora as suas origens pareçam ser devidas a um povo que pode ser descrito como «colonizador», não são certamente importados mas de manufactura local pois, qualquer que possa ser a sua inspiração, não têm paralelos exactos fora do estuário do Tejo.

É natural perguntar como é que os três períodos principais de desenvolvimento que propusemos para a fortificação interior de Vila Nova se encaixam num esquema cronológico geral para o Calcolítico da zona em redor do estuário do Tejo? Antes do mais, é claro que, partindo do que acabámos de afirmar sobre as relações com os monumentos da Praia das Maças e Casainhos, a fase mais antiga de Vila Nova cai inteiramente e em teoria no Calcolítico local, mesmo que, como aconteceu, nem objectos de cobre nem armas de sílex de tipos calcolíticos primitivos tenham aparecido nos níveis do Período I, no corte de 1959. Tal pode ser devido pelo menos em parte, às condições locais na estação durante o Período I, do mesmo modo que a abundância de pontas de seta nos níveis do Período II pode estar ligada ao facto de os Bastiões desta fase terem provavelmente funções tácticas relacionadas com o uso defensivo do arco. É, no entanto, possível que o elemento estrangeiro que introduziu os «copos» possa não ter utilizado o arco (como parece ser o caso com alguns grupos do Sudeste europeu e da Anatólia no Calcolítico) e não ter sido tão activo na metalurgia como os milarenses.

De qualquer modo, temos o que parece ser um *terminus post quem* na data proposta para a

câmara ocidental da Praia das Maças com base numa série de medidas de rádio-carbono as quais o Dr. L. Monteagudo utilizou recentemente como ponto de partida para um sistema cronológico para o Calcolítico Português<sup>33</sup>. De acordo com este sistema, o horizonte representado pela câmara ocidental na Praia das Maças e pelo Dólmen de Casainhos, constituiria uma segunda fase do Calcolítico Português, correspondendo a uma segunda fase da cultura Almeriense do Sudeste espanhol, c. 2500-2300 a. C., enquanto, por contraste, os materiais da *tholos* da Praia das Maças, que incluem, de facto, elementos quer da Cultura do Tejo quer Milarenses, mas sem «copos», se estenderiam através do Período

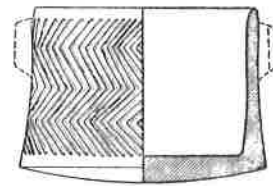


Fig. 5 — Pyxide de Melos, segundo BOSSERT & EH-RARDHT.

do III (c. 2300-2000) e a primeira parte do Período IV (c. 2000-1800), correspondendo a Los Millares I-IIa, enquanto a cerâmica campaniforme mais tardia do corredor da *tholos* pertenceria à parte final do Período IV, correspondendo a Los Millares IIb.

Já anteriormente expressei dúvidas sobre o contexto preciso da primeira amostra datada pelo rádio-carbono na Praia das Maças (c. 2300 ± 60 a. C.) que se supõe datar a câmara ocidental, escavada na rocha, tendo sugerido que, com maiores probabilidades, se relacionaria com a construção da *tholos*. Tal data situa-se, de facto, no mesmo horizonte de várias outras agora disponíveis que se relacionam com a cultura Milarenses<sup>34</sup>. O Dr. Monteagudo, sem dúvida, pensa que fixando a fronteira entre os seus Períodos II e III cerca de 2300 a. C. pode harmonizar estas datas razoavelmente, atendendo à habitual margem de erro. Mas vemos, de facto, que o Dr. Monteagudo não deixa espaço para um horizonte cultural intermédio, algures entre os seus Períodos II e IIIa, durante o qual os «copos» estariam em uso nas grutas artificiais de Alapraia e de Palmela, bem como nos povoados de Vila Nova e Zambujal, mas não na Praia das Maças. De facto, a construção do *tholos* da Praia das Maças representa uma alteração de um túmulo anterior, pertencente a uma cultura diferente, sem que, necessariamente, exista qualquer continuidade de uso, e não te-

mos o direito de assumir que os seus depósitos combinados abranjam o Calcolítico português sem interrupção.

Claramente, são necessárias muito mais datas, de diferentes sítios, antes que possamos chegar a um enquadramento cronológico satisfatório. Mas, entretanto, parece-me razoável assumir que as fases pré-millarenses do Calcolítico do Baixo Tejo cobrem algo como a primeira metade do terceiro milénio a. C. e que a fortificação millarense de Vila Nova deve ter sido construída durante o terceiro quartel deste milénio após a ocupação do segundo quartel.

A questão de uma possível construção pré-millarense de qualquer das linhas de muralha exteriores em Vila Nova de S. Pedro deve, de momento, permanecer em aberto. Como já tive ocasião de indicar<sup>35</sup>, a construção de muralhas e fortificações com bastiões semicirculares tem largos antecedentes no Mediterrâneo Oriental, não só no Egeu, como o demonstrou a Dr.<sup>a</sup> Blan-

ce, mas também na Palestina, onde bastiões desta forma parecem indicar um tipo semítico, como o sugere o Professor Yadin<sup>36</sup>, o que os egípcios notaram e registaram como diferente dos seus bastiões rectangulares<sup>37</sup>. Portanto, tais bastiões na Península Ibérica poderiam pertencer às culturas de Almeria e Los Millares, com as suas conexões com o sudeste mediterrânico, tanto quanto à cultura dos «copos» com as suas ligações com o Egeu. Mas a Dr.<sup>a</sup> Vera Leisner e o Dr. Schubart mostraram, no seu estudo do Castro da Pedra do Ouro<sup>38</sup>, quão espalhada estava no Mediterrâneo Ocidental uma tradição de muralhas com bastiões, primeiramente maciços e depois ocas tal como na Pedra do Ouro, Lebus e na Sardenha e nada mais podemos fazer senão esperar pacientemente o desenvolvimento de um campo de estudos novo e fascinante, aberto nos anos próximos àqueles que dispõem dos necessários recursos técnicos e financeiros.

## NOTAS

<sup>1</sup> Cf. 1937/38, *Brotéria*, XXVIII-XXIX (1939), pp. 33-76; 1939/41, *ibid.*, XXXIV (1942), pp. 3-31; 1942, *ibid.*, XXXVII (1943), pp. 5-27; 1937/44, *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, XX (1945), pp. 5-93; 1943/50, *Arqueologia e História*, 8s., III (1954), pp. 31-80; 1951, *Brotéria*, LIV (1952), pp. 5-25; 1952/54, 56, *Anais da Academia Portuguesa de História*, 2s., VIII (1958), pp. 43-91; 1955, *Arqueologia e História*, 8s., VII (1956), pp. 95-114 e *Germania*, 34 (1956), pp. 211-230.

<sup>2</sup> *Madrider Mitteilungen*, VI (1965), Pl. 24.

<sup>3</sup> *Germania*, 34 (1956), pp. 211-30 e *Arqueologia e História*, 8s., VII (1956), pp. 95-114.

<sup>4</sup> *Germania*, 1956, p. 221.

<sup>5</sup> N. T. Em português no original. São as peças hoje vulgarmente designadas como *ídolos de cornos*.

<sup>6</sup> *Germania*, 1956, p. 221.

<sup>7</sup> Cf. *Brotéria*, XXXVII (1943), pp. 5-27 e *Anais*, 2.<sup>a</sup> S., VIII (1958), pp. 73-85.

<sup>8</sup> *Arqueologia e História*, 8.<sup>a</sup> S., III, p. 3, VII, p. 99-106 e *Anais*, 2.<sup>a</sup> S., VIII, p. 85.

<sup>9</sup> *Brotéria*, LIV (1952), pp. 8-9 e 13-15.

<sup>10</sup> *Germania*, 1956, p. 223.

<sup>11</sup> *Anais*, 2.<sup>a</sup> S., VIII, pp. 47 e segs.

<sup>12</sup> *Anais*, *ib.*, p. 84.

<sup>13</sup> *Madrider Mitteilungen*, VI (1956), pp. 39-53 e VIII (1967), pp. 47-78.

<sup>14</sup> *ib.*, X (1969), p. 36f.

<sup>15</sup> *Madrider Mitteilungen*, VI (1956), p. 52.

<sup>16</sup> *Antiquity*, 35 (1961), pp. 192-202.

<sup>17</sup> *Germania*, 1956, p. 222.

<sup>18</sup> FRANCKFORT, *Studies in the Early Pottery of the Near East*, II, p. 90; EVANS, *Palace of Minos*, I, p. 38; *Annual of the British School at Athens*, 1953, p. 94 e segs. e CHILDE, *Dawn of European Civilization*, 6th Ed., p. 65.

<sup>19</sup> EVANS, *loc. cit.*, p. 60, fig. 22, e MILOJCIC, *Chronologie der Jung, Steinzeit Mitt, u. südosteuropas*, p. 210.

<sup>20</sup> *Fundberichte aus Schwaben*, XVII (1965), pp. 112-117.

<sup>21</sup> *I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959, pp. 337-359.

<sup>22</sup> *Madrider Mitteilungen*, VIII (1967), pp. 123-157;

<sup>23</sup> *Loc. cit.*, p. 198.

<sup>24</sup> *Loc. cit.*

<sup>25</sup> GARSTANG, *Prehistoric Mersin*, p. 166, figs. 90 e 106.

<sup>26</sup> EVANS, *loc. cit.*, I, p. 45, fig. 12.

<sup>27</sup> *Berichte der Rom.-Germ. Kommission*, XXXIX (1958), p. 8, Est. 1.2.

<sup>28</sup> H. KOSAY, *Büyük Güllücek Kaziri*, Ankara, 1957, p. 39, Est. XXVI.

<sup>29</sup> *Loc. cit.*, p. 199.

<sup>30</sup> *Madrider Mitteilungen*, II (1961), p. 14, fig. 6, 1-3, 5, 6.

<sup>31</sup> *Espanha e Portugal*, pp. 172-173 e 182.

<sup>32</sup> *ib.*, pp. 124-136.

<sup>33</sup> *Madrider Mitteilungen*, VII (1966), pp. 61-78.

<sup>34</sup> *Espanha e Portugal*, pp. 124, 147, 155, 158.

<sup>35</sup> *ib.*, p. 163.

<sup>36</sup> *The Art of Warfare in Biblical Lands* (1963), p. 54.

<sup>37</sup> *ib.*, pp. 122-124.

<sup>38</sup> *Madrider Mitteilungen*, VII (1966), pp. 9-60.



*Est. I* — A fortificação central de VNSP vista de Oeste para Este. A seta à direita indica o local do corte de 1959.



*Est. II* — Pormenor da Est. anterior. No extremo direito, o local do Corte de 1959.



*Est. III* — O corte 'B', visto de NW, antes do aparecimento do bastião 8a.



*Est. IV* — O corte 'B', visto de NW, no final da escavação.



*Est. V* — À esquerda a face interna da muralha interior e o muro secundário à direita, vistos de SE.



*Est. VI* — O solo de cabana primário, VNSP, com o bastião 8a à esquerda.



*Est. VII* — Fundação de muro do Período Ib, vista de NW.



*Est. VIII* — A 'ilha' de estratos intactos na qual foi aberto o corte 'B' (à esquerda), vista de Sul.





*Est. IX — O bastião 8a após conclusão da limpeza.*



*Est. X — O muro de 'reforço' interior da muralha da fortificação central, visto pelo interior.*